

“A FARSA DA USURA”

de Fábio Espírito Santo

fabioespiritosanto@gmail.com

Adaptação do texto incompleto *O USURÁRIO* (1846), de Martins Pena

Personagens:

DANIEL, o usurário

LUCINDA, sua filha

MATEUS PEREIRA, tio de Cândido e Adolfo

CÂNDIDO, seu sobrinho, estudante

ADOLFO, idem, estudante

CLEMENTE, estudante

BERNARDO PEREIRA, irmão de Mateus

CLOTILDE, sua filha

I ATO – Casa de Mateus

II ATO – Casa de Daniel

Salvador, Bahia, Brasil. 1998

I ATO

(Casa de Mateus Pereira)

Cena 1 - Sala da casa de Mateus - Adolfo / Clemente / Cândido

(Adolfo arruma alguns arranjos e flores num caixão de defunto, enquanto Cândido polvilha o rosto de Clemente)

ADOLFO – *(no caixão)* Minha tarefa já está quase terminada!

CLEMENTE – Pois a minha ainda nem começou. Cuidado, Cândido, assim você me enche os olhos de polvilho!

CÂNDIDO – Não faz mal, principalmente agora, que você já morreu.

ADOLFO - *(no caixão)* É! E os mortos não sentem!

CLEMENTE – Mas espirram. Basta de polvilho! *(vai para o caixão)*

CÂNDIDO – Que lindo defunto você ficou!

ADOLFO – *(vendo Clemente)* É de assustar qualquer coveiro. Só falta a catacumba.

CLEMENTE – O que me falta é um bom gole de vinho! *(vai pegar o vinho)* Tanto polvilho na cara me deixou com a boca seca.

CÂNDIDO – *(falando de Clemente)* Este defunto é muito folgado. Veja como bebe!

ADOLFO – Despede-se da vida!

CÂNDIDO - *(para Adolfo)* Que nada, ele está se abastecendo para a viagem.

CLEMENTE– Os bens da vida devem ser gozados, porque a morte é certa. *(bebe mais)*

CÂNDIDO – *(para Clemente)* Ei, deixe um pouco pra nós. *(para Adolfo)* Vamos lá, Adolfo, antes que não sobre nada, pois a morte devora tudo. *(todos bebem)*

CLEMENTE – A porta está fechada?

ADOLFO – Não se preocupe, eu mesmo a fechei.

CLEMENTE – Então, não há o que temer! Por favor, senhores, todos à mesa! *(sentam-se; Clemente na cabeceira)* Eu, aqui, me nomeio presidente, e quero que me respeite como tal. *(algazarra)*

CÂNDIDO – Peço a palavra.

CLEMENTE – Mas veja só, onde já se viu defunto dar a palavra? Esqueceu que eu aqui sou o presidente da mesa? E como tal, em vez de dar a palavra, vou impor silêncio.

CÂNDIDO – Vai impor silêncio, sim, principalmente aos tagarelas como você.

CLEMENTE – É por isso que eu digo: não seria nada mal se os presidentes de nossas câmaras fossem todos defuntos. Assim, não perderíamos tempo com palavrórios inúteis.

ADOLFO – Isso são idéias de outro mundo!

CLEMENTE – As deste já não prestam!

CÂNDIDO – Tratemos, então, do que mais vale a pena. *(brindam)*

ADOLFO – Se esta cidade soubesse, se este país desconfiasse, que três jovens estavam aqui tramando... tremeriam nas bases.

CLEMENTE – Mas pode a cidade ficar tranqüila e a nação dormir em paz, porque apenas um homem, um animal sórdido, um miserável, um larápio infame, um cão sem piedade... *(se altera)* um agiota, enfim, será o alvo de nossa ardilosa trama. Ai dele! *(brindam, gritos: "Muito bem! Bravo! É isso aí! Abaixo o agiota!"; após a euforia, com ironia)* E creiam os senhores que o que vamos fazer...arriscar a nossa pele... será tudo em nome do amor.

CÂNDIDO – *(apaixonado)* Sim, tudo por amor!

ADOLFO – *(batendo palmas)* Sim, por amor! Que triste figura fazem os apaixonados! *(fazem algazarra para cima de Cândido)*

CÂNDIDO – Lucinda foi a moça mais linda que meus olhos já viram.

ADOLFO E CLEMENTE – Iiih!

CÂNDIDO – É verdade! Por isso, vou raptá-la e vamos fugir da cidade.

CLEMENTE – Você vai deixar esse agiota virado no diabo!

ADOLFO – *(para Cândido)* O diabo seria se nosso tio Mateus chegasse agora. Aí eu queria ver!

CLEMENTE – Isola! *(dá três batidas leves na mesa)* Nem me fale nisso!

CÂNDIDO – Pode ficar tranqüilo! Ele foi pra sua fazenda no Pantanal, e só volta daqui a um mês.

CLEMENTE – Eu só tenho medo é que ele se escandalize quando souber de tudo que armamos por aqui, em sua casa, o fazendo de morto, com direito a vela, velório e enterro.

CÂNDIDO – Não conhece meu tio? Brincalhão e desabusado do jeito que é, será o primeiro a aplaudir a minha lembrança.

ADOLFO – Será que o agiota vem mesmo?

CÂNDIDO – Já telefonei e falei pra ele do acontecido; pedi que tivesse a bondade de vir aqui, tratar de um assunto de seu interesse.

CLEMENTE – Se você falou em dinheiro, meu amigo, pode ter certeza que o levará até o fim do mundo. *(Daniel grita na porta)*

Cena 2 - Os mesmos e Daniel

DANIEL - *(de fora)* – Ô de casa!

CÂNDIDO – É ele!

CLEMENTE – Mas já?

CÂNDIDO – Vai, Clemente, deita lá. *(aponta o caixão)*

CLEMENTE – Já vai, já vai, calma, só o último gole. *(bebe)*

ADOLFO – Bebe logo o que tem direito, porque talvez não ressuscite.

CLEMENTE – *(no caixão)* Deixe de brincadeira! *(deita)* E então, que tal eu fico?

CÂNDIDO – Assustador. Já estou até rezando por sua alma.

DANIEL – *(de fora)* Ô de casa! Não tem ninguém aí?

CÂNDIDO – Silêncio. *(para Adolfo, que está encostado no caixão)* Vamos, chore. *(Clemente também chora; para Clemente)* Você não, Clemente!

CLEMENTE – Desculpe, eu me emocionei. É que está tudo tão triste.

ADOLFO – *(puxa Clemente)* Deita aí. *(Cândido vai abrir a porta)*

DANIEL – *(entra)* Dá licença.

CÂNDIDO - *(compenetrado)* Pode entrar, senhor Daniel. *(Adolfo chora copiosamente sobre o caixão)*

DANIEL – *(mantendo distância)* Senhores... Sinto muito, todos nós podemos ser vítimas desta desgraça. A morte está para todos no mundo.

CÂNDIDO – *(soluçando)* Mas quando rouba pessoas tão queridas...

DANIEL – Muito sofremos, mas o tempo cura essa dor.

ADOLFO – *(soluça exagerado)* O tempo! *(chora)*

CÂNDIDO – Só Deus sabe o que perdemos.

ADOLFO – *(soluça)* É verdade, só Deus e nós. *(dispara a chorar)*

CÂNDIDO – *(repreende Adolfo com um gesto; Adolfo se contém; para Daniel)* Me perdoe, senhor, se o obrigo a assistir a cenas tão tristes.

DANIEL – *(vendo Adolfo, que chora)* É seu irmão?

CÂNDIDO – Não, meu primo. Meu tio gostava muito dele, o tratava como filho.

DANIEL – Surpreendeu-me a notícia, ainda um dia desses eu o vi, indo para a mercearia.

CÂNDIDO – Morreu esta noite, de um ataque apoplético (*faz o ataque*)

DANIEL – (*assustado*) Essas mortes me espantam.

CÂNDIDO – É um raio! Quer ver como sua fisionomia ficou transformada?

DANIEL – Não, não, não é preciso.

CÂNDIDO – Pobre tio!

DANIEL – (*à parte*) Pobre, muito pobre mesmo. (*para Cândido*) Meus sentimentos pelo acontecido... mas o negócio que me traz aqui é outro.

CÂNDIDO – Ah, sim, claro, me desculpe. Sei que este ambiente muito lhe incomoda...

DANIEL – Pois bem, pois bem... por isso, não quero demorar-me, tratemos logo do assunto.

CÂNDIDO – Como já expus pelo telefone, meu tio, morrendo assim, de repente, me deixou num grande embaraço.

DANIEL – Continue, continue.

CÂNDIDO – Dono de uma considerável fortuna em bens, não deixou, contudo, dinheiro suficiente para que fizéssemos um enterro digno de sua pessoa.

DANIEL – Já entendi, quer tomar dinheiro sob penhor?

CÂNDIDO – Isso mesmo. E como sei que o senhor conhecia meu tio, quis dar-lhe a preferência neste negócio. Poderia procurar outros, que me fizessem um empréstimo deste tipo, mas achei melhor o senhor, já que é um conhecido da família.

DANIEL – Sim, sim, sei. Mas o que há para empenhar?

CÂNDIDO - Antiquidades, guardadas aqui, neste baú. (*mostra as antiguidades*) São pratarias, candelabros, jarras, quadros e outras raridades, como o senhor pode ver.

DANIEL – (*com ganância*) Bom, bom, muito bom... Quer dizer... as peças parecem boas, mas um pouco desgastadas e isto faz perder um certo valor. Veja esta aqui, por exemplo.

ADOLFO – (*à parte*) O miserável já começa a pechinchar.

CÂNDIDO – Isto mostra, senhor Daniel, o quanto estas peças são raras; objetos que estão guardados no seio de nossa família por muitos anos, peças de nossos antepassados. Estamos penhorando por extrema necessidade, numa hora de muita dor para todos. (*Adolfo chora sobre o caixão*)

DANIEL – Mas, enfim... de quanto precisa?

CÂNDIDO – O senhor sabe, o preço de um enterro está pela hora da morte. E, sabendo do valor sentimental que estes objetos são para a família Pereira, não poderia pedir menos do que oitocentos e cinquenta contos.

DANIEL – O quê!? É impossível! Eu perderia dinheiro neste negócio. Na falta de pagamento, isto aqui não me daria mais do que quatrocentos contos.

CÂNDIDO – No mínimo, senhor Daniel, este é o valor de cada peça.

DANIEL – Quinhentos e setenta e cinco e estamos conversados.

CÂNDIDO – O senhor só pode estar brincando!

DANIEL – Isso não são horas para brincadeiras, meu jovem. Veja bem, para fecharmos o negócio, vou te dar quinhentos e oitenta e dois, porque sei como é difícil este momento para todos.

CÂNDIDO – Quinhentos e noventa e nove e será bom para todos.

DANIEL – Quinhentos e oitenta e três, e eu bato o martelo.

CÂNDIDO – Quinhentos e noventa, em consideração ao meu tio.

DANIEL – Em consideração ao finado, o senhor seu tio, quinhentos e oitenta e quatro contos e setenta e cinco centavos, ou não há negócio. Não estou obrigando que aceite meu dinheiro, mas se precisa, deve sujeitar-se às minhas condições.

CÂNDIDO – Mas...

DANIEL – E isto ao juros de 61% ao mês.

CÂNDIDO – O senhor deve pensar...

DANIEL – Tenho pensado muito e lhe direi: este negócio eu não faria com mais ninguém. Apenas estou com o único desejo de servir à sua pessoa e ao seu tio, que Deus o tenha, de quem fui amigo.

ADOLFO – (*à parte*) – Com um amigo desse, pra que ter inimigos?

DANIEL – E ainda peço que não comente com ninguém sobre este empréstimo, pois se ficam sabendo que eu fiz um negócio deste, vão querer que eu comece a penhorar todos os tipos de mercadorias.

CÂNDIDO – Não estou em condições de questionar. Aceito a sua proposta.

DANIEL – Muito bem, é assim que se fala. Vou pegar o dinheiro e logo estarei de volta.

CÂNDIDO - Vamos trancar o baú. Para sua melhor segurança, (*passa a chave no baú*) o senhor poderá levar a chave logo agora.

DANIEL – Não será preciso.

CÂNDIDO – Leve-a, para sua melhor segurança no negócio.

DANIEL – Já que insiste, não é? (*vai pegar a chave; Cândido a deixa cair, trocando-lhe por outra, sem Daniel perceber*)

CÂNDIDO – (*entrega a chave errada para Daniel*) E se, por acaso, quando o senhor voltar e eu não estiver aqui, faça o favor de dar o dinheiro ao meu primo. (*aponta Adolfo, que chora*) Ele lhe entregará o baú.

DANIEL – Sim, sim, claro, claro... (*à parte*) Em negócios com jovens, me dou sempre bem. (Para eles) Os meus mais sinceros pêsames. Até mais vê-los. (*sai*)

Cena 3 - Cândido / Adolfo / Clemente

CÂNDIDO – *(à parte)* Até já, agiota do inferno!

ADOLFO - Demônio da usura!

CLEMENTE – *(levantando-se do caixão)* Ladrão!

ADOLFO – A ladroeira é tal, que ressuscitam os mortos.

CLEMENTE – *(sentado no caixão)* Palavra de defunto, estive quase saltando no pescoço daquele larápio.

CÂNDIDO – Não temos tempo para conversa. Vamos levar tudo lá pra dentro. *(abre uma porta falsa do baú e começa a tirar os objetos de dentro)*

CLEMENTE – Depressa, rapaziada. Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão. E não se preocupem... se um dia forem presos, digam, para a sua defesa, que foi o respeitabilíssimo finado Mateus Pereira quem lhes aconselhou.

ADOLFO – *(carregando os objetos)* Melhor seria se viesse ajudar. *(saem Adolfo e Cândido)*

CLEMENTE – E você já viu, por acaso, defunto andar?

Cena 4 - Clemente

CLEMENTE - *(sozinho)* Os mais espertos deixam-se, às vezes, enganar tão facilmente como crianças! Aquele agiota barato, com a ganância do lucro, nem ao menos se quis dar ao trabalho de verificar se havia, neste caixão, um verdadeiro defunto ou um maroto de meu calibre. Caiu como um patinho. Abençoado seja aquele que enganou o enganador. *(deita)*

Cena 5 – Clemente e Cândido

CÂNDIDO – *(entra vestido de monge; para si)* Vestido assim, eu vou bem e mais facilmente sairei de lá. A astúcia me ajudará. *(vê Clemente deitado no caixão)* Clemente, Clemente!

CLEMENTE – Quem ousa, a esta hora, perturbar o sono dos mortos?! *(abre os olhos, assusta-se ao ver Cândido)* Ai! Que é isso? Vem me encomendar a alma? Pra que esta roupa?

CÂNDIDO – Vou para a casa do agiota vestido assim. Levo também, este outro hábito para sua filha.

CLEMENTE – Ainda não entendi.

CÂNDIDO – Lucinda me contou que o pai dela, o ganancioso agiota, tem tido grandes pesadelos com o mundo dos mortos, a tal ponto, que quase todos os dias frei Berto vai incensar sua casa, a fim de espantar os maus espíritos que, segundo ele, vagueiam por lá.

CLEMENTE – O único espírito que por lá vagueia é o da avareza.

CÂNDIDO – E então, com eu e Lucinda vestidos assim, será mais fácil escapar de lá.

CLEMENTE – Bem pensado. Hoje você está sublime!

CÂNDIDO – É o amor que me desperta a inteligência.

Cena 6 - Clemente, Cândido, Adolfo, Bernardo Pereira

BERNARDO – *(de fora)* Mateus, Mateus, meu irmão!

CLEMENTE – *(com espanto)* Esta voz!

CÂNDIDO – É do tio Bernardo, essa não!

CLEMENTE – Ai, minha nossa senhora dos desencarnados! Está tudo perdido. Quero sair daqui. *(começa a sair do caixão)*

CÂNDIDO – Que é isso? Tá maluco? Deita já. *(empurra Clemente; no alvoroço, esquece um dos hábitos sobre o caixão)*

CLEMENTE – Ai, ai, ai, juro que desta vez nunca mais me atrevo a ser defunto. Agora eu tô com medo de ser um de verdade. Isso seria o cúmulo da interpretação.

BERNARDO – *(de fora)* Ô de casa! Mateus, meu irmão, abra logo esta porta.

ADOLFO – *(entrando assustado)* Cândido, Cândido... o tio Bernardo está aí fora.

CÂNDIDO – Já deu pra perceber.

ADOLFO – Mas o que ele tá fazendo aqui?

CÂNDIDO – Você vai ter o prazer de perguntar a ele, pessoalmente.

ADOLFO – Eu?

BERNARDO – *(de fora)* Mateus, meu irmão, o que está havendo? Por que esta porta está trancada?

CLEMENTE – Adeus, minha bela vida, foi bom o quanto durou.

ADOLFO – Aí, pessoal, agora eu lembrei...tenho um compromisso marcado e não posso faltar. Vou ter que ir. E como eu sou de casa, saio pela porta dos fundos.

CÂNDIDO – Que é isso, vocês dois!? Nada de abandonar o barco. Agora é tarde pra voltar atrás.

ADOLFO – Realmente, é tarde, e eu tenho que ir.

CLEMENTE – Olha, eu já morri. Não estou mais aqui *(tenta sair do caixão)*

CÂNDIDO – *(impedindo Clemente)* Nada disso. Se você morreu, é este mesmo o seu lugar.

BERNARDO – *(de fora)* Mateus, que brincadeira é essa, queres me deixar na rua? Abre logo esta porta, quero te dar um abraço.

CÂNDIDO – Prestem atenção. Vou me trancar no baú, seguindo o nosso plano. O usuário pode chegar a qualquer momento. *(abre uma porta falsa do baú por onde se esconde)*

ADOLFO – Ainda mais esta! E o que é que eu faço?

CLEMENTE – *(no caixão)* Reze por nossas almas.

CÂNDIDO – *(colocando a cabeça para fora do baú)* Inventa qualquer coisa. Use da inteligência e não deixe que descubram a nossa armação. *(se esconde)*

CLEMENTE – Quer que ele use da inteligência? Estamos fritos!!! Adeus, mundo cruel!!!! *(deita no caixão)*

ADOLFO – Ai, ai, sobrou pra mim. Ei, vocês, me ajudem!

BERNARDO – *(de fora)* Chega de brincadeira! Mateus, Mateus!

Cena 7 - Os mesmos / Clotilde

ADOLFO – *(abre a porta)* Olá, meu tio Bernardo.

BERNARDO – *(entra, acompanhado de sua filha)* Olá, Adolfo, meu sobrinho, como vai? O que faz por aqui?

ADOLFO – Vim fazer uma visita ao tio Mateus.

BERNARDO – Aquele filho da minha mãe deve estar fazendo farra e não escutou eu chamar. *(vê o caixão)* O que quer dizer isto? Mano!?

CLOTILDE – Meu Deus!

BERNARDO – Quem morreu nesta casa?

ADOLFO – Quem morreu?

BERNARDO – Por piedade!

CLOTILDE – Fale, Adolfo, foi nosso primo Cândido?

ADOLFO – Cândido?! Não...não. Cândido foi ali... é... foi comprar algumas flores pro velório.

BERNARDO – Então...

ADOLFO – Seu digno e respeitável irmão, Mateus Pereira.

BERNARDO – Meu irmão!?

CLOTILDE – Meu tio!?

ADOLFO – Já não existe mais.

BERNARDO – Meu irmão!

CLOTILDE – Morreu!?

BERNARDO – Mas, quando? Como foi isto?

ADOLFO – Deitou-se, ontem, na mais perfeita saúde, mas um ataque apoplético (*faz o ataque*), fulminante, o roubou de nós.

BERNARDO – Meu irmão querido, como te perdi? Meu Deus, nunca mais verei meu irmão, nunca mais. Meu irmão, meu querido irmão... (*cai de joelhos junto ao caixão*)

CLOTILDE – Meu querido tio! (*conforta seu pai*)

ADOLFO – (*à parte*) Esta choradeira toda me comove.

BERNARDO – Oh, meu irmão Mateus, por que foste embora?

CLOTILDE – (*abraçando o pai*) Meu pai!

ADOLFO – Foi uma desgraça que ninguém previa.

BERNARDO – (*levantando-se*) Quero vê-lo pela última vez!

ADOLFO – (*à parte*) Vê-lo pela última vez? Não.

BERNARDO – Não!?

ADOLFO – Quer dizer, não agora.

BERNARDO – Deixe-me contemplar aquele rosto que foi minha alegria. (*tenta ir ver o defunto*)

ADOLFO – Não! O ataque apoplético o deixou com a aparência desfigurada, isto lhe causaria uma dor ainda maior.

BERNARDO – Não me importo. Deixe-me, quero vê-lo uma só vez.

ADOLFO – Respeito a sua dor, meu tio, mas a aparência é assustadora.

BERNARDO – Terei coragem. (*cai em prantos*)

ADOLFO – Não posso consentir. Por favor, Clotilde, leve seu pai pro quarto, ele precisa descansar um pouco. O choque foi muito grande. Afinal, o tio Mateus era muito querido por todos.

CLOTILDE – Meu pai, Adolfo tem razão. Vamos lá pra dentro repousar um pouco.

BERNARDO – (*saindo de perto do caixão*) Este acontecimento inesperado aniquilou-me de vez.

CLOTILDE - Eu o levarei, meu pai. Vamos.

BERNARDO – (*saindo*) Mateus, Mateus, meu irmão, muito sentirei a sua ausência. (saem)

Cena 8 - Adolfo / Clemente / Cândido

ADOLFO – Ufa!

CLEMENTE – (*levantando-se*) Desta vez, escapamos!

ADOLFO – Não tenho tanta certeza assim. Logo logo vão descobrir tudo.

CLEMENTE – Ei, Cândido!

CÂNDIDO – (*aparecendo no baú*) Que foi?

CLEMENTE – Sua prima Clotilde também está aqui.

CÂNDIDO – Melhor pra você, lhe dou meus parabéns.

CLEMENTE – Eu, daqui do caixão, pulei de contente. Ai, Clotilde, minha doce Clotilde! Minha paixão, enfim, poderei revê-la.

ADOLFO – Isso se não te sepultarem antes.

CLEMENTE – Vira essa boca pra lá.

Cena 9 - Os mesmos e Daniel

DANIEL – (*de fora*) Ô de casa, posso entrar?

ADOLFO – O agiota chegou! Começa tudo outra vez. Vamos, deita, Clemente!

CÂNDIDO – (*escondendo-se no baú*) Boa sorte pra todos!

CLEMENTE – Já que vou morrer, tenho direito a um testamento.

ADOLFO – Cala a boca e deita já. (*abre a porta, triste*) Queira entrar, senhor Daniel.

DANIEL – (*entrando*) Desculpe-me se demorei tanto. Foi preciso ir ao banco arranjar a quantia necessária, não tinha em casa.

ADOLFO - (*à parte*) Já quer encarecer a ladroeira!

DANIEL – É difícil juntar uma grande quantia. Onde está o outro rapaz, o seu primo?

ADOLFO – Saiu para avisar a alguns parentes. Mas, como ele disse, pode me entregar o dinheiro.

DANIEL – Pois bem. Aqui está, aqui está. Não quero me demorar muito, creio que já sinto o mau cheiro.

ADOLFO – Eu também.

DANIEL – Está aí o combinado, quatrocentos e vinte e dois contos e setenta e cinco centavos.

ADOLFO – Tudo bem, pode levar o baú.

DANIEL – Está tudo aí dentro?

ADOLFO – Claro que sim. O senhor não levou a chave?

DANIEL – É mesmo, eu havia esquecido. *(pega a chave do bolso; vai abrir o baú)* Não se escandalize, pois quem se mete em negócios...

ADOLFO – *(impedindo-o)* Neste momento de muita dor para todos, peço que abra o baú em sua casa.

DANIEL – *(pensa)* É. Acho que tão tem problema. Já que a chave estava comigo, não há nenhum perigo.

ADOLFO – Isso mesmo!

DANIEL – E, diante do corpo do senhor Mateus, esta atitude seria indigna de minha parte.

ADOLFO – Agradeço a compreensão!

DANIEL – *(empurra o baú)* Um pouco pesado, não é mesmo?

ADOLFO – Então se vê que tudo está aí dentro.

DANIEL – É verdade. Tudo está aqui dentro. Vou indo. Até mais! Quando precisar de meus serviços, estarei ao dispor de vossa família para qualquer negócio. E... meus pêsames! *(empurra o baú)*

ADOLFO – Muito obrigado. Transmitirei à família que poderemos contar sempre com sua ajuda. *(Daniel sai, empurrando o baú)*

Cena 10 - Clemente / Adolfo / Clotilde

ADOLFO – Lá vai ele com o baú. Mal sabe o penhor que leva.

CLOTILDE – *(entrando)* Com quem estava falando, Adolfo?

ADOLFO – *(assusta-se)* É...um amigo... com um amigo do tio Mateus, veio dar os pêsames. Como está seu pai?

CLOTILDE – Está deitado na cama, não pára de chorar.

CLEMENTE – *(do caixão)* Logo se calará!

CLOTILDE – Ah!? O que foi que você falou, Adolfo?

ADOLFO – Eu?! Nada! Quer dizer, eu falei... sim, eu falei, sim. Disse que tenho que ir embora. Falei pro Cândido que esperaria ele voltar, mas eu não posso. Tenho que falar com minha mãe.

CLOTILDE – Tia Risoleta.

ADOLFO – É. Ela ainda não sabe de nada.

CLOTILDE – Quer que eu fale com ela?

ADOLFO – Não, não, não precisa. Então, até mais. Até mais, não. Adeus!

CLOTILDE – Mas você não volta? Primo! E Cândido, pra onde ele foi? Ei, Adolfo, espere. Espere, Adolfo.

Cena 11 - Clotilde / Clemente

CLOTILDE – *(fecha a porta)* Que desgraça é esta que se abateu sobre nossa família? Há seis meses que o infortúnio nos persegue. Meu pobre pai, com sua dívida... e agora, meu tio, com sua morte tão repentina. *(vai para o caixão)* Oh, meu tio Mateus, se vossa alma está junto do Senhor, rogai por nós.

CLEMENTE – *(sentando-se)* – Ai, Senhor! Tenha piedade dela!

CLOTILDE – *(desmaia vendo Clemente)* Ai!

CLEMENTE – Ai, ai, o que foi que eu fiz? *(salta do caixão)* Clotilde, Clotilde, sou eu, sou eu, seu Clemente. Na verdade, fiz bem em te assustar. Só assim posso tê-la em meus braços, meu amor. *(tenta reanimá-la)* Clotilde, Clotilde...

CLOTILDE – *(acordando)* Ah!?

CLEMENTE – Clotilde, meu amor, sou eu!

CLOTILDE – Tio Mateus!? O senhor está vivo!

CLEMENTE – Não, Clotilde. Sou Clemente. Sou eu, minha Clô, seu Clê.

CLOTILDE – Ah... Hein? Clemente? É você!

CLEMENTE – Sou eu, sim, não se assuste.

CLOTILDE – *(reconhecendo)* Que bom te ver no velório do meu tio.

CLEMENTE – Seu tio não morreu! Ele está vivo, em sua fazenda no pantanal. Era eu que estava me fingindo ser o senhor Mateus Pereira, depois de um agudo ataque *(faz o ataque)* apoplético. Eu era seu tio morto.

CLOTILDE – Quer dizer que meu tio Mateus está vivo! *(grita)* Meu pai, meu pai...

CLEMENTE – *(segura Clotilde)* Espera, cale-se, por favor...

CLOTILDE – Deixa eu dar esta feliz notícia para meu pai.

CLEMENTE – Não, espere, tenha calma. Se fizer isto, vai pôr tudo a perder.

CLOTILDE – Como assim? Não estou entendendo!

CLEMENTE – Agora eu não posso explicar, mas confia em mim. Saiba apenas que tudo isto é uma brincadeira. Mas é preciso que você não diga nada para seu pai. Pelo menos, por enquanto.

CLOTILDE – Mas...

CLEMENTE – Agora me conta, por que sumiu sem dizer nada?

CLOTILDE – Era segredo da família, eu não podia revelar.

CLEMENTE – Mas eu te amava, ou antes, nós nos amávamos... eu só estava esperando arranjar um emprego para pedir você em casamento.

CLOTILDE – Oh, Clemente! (*beijam-se*)

CLEMENTE – O que aconteceu?

CLOTILDE – Tudo lhe direi. Por motivo de viagem, um amigo de meu pai pediu para que guardasse em nossa casa um colar de brilhantes, pertencente à sua família. Mas meu pai, passando por necessidade, sem dinheiro para pagar umas dívidas, empenhou a tal jóia nas mãos do senhor Daniel, o usurário.

CLEMENTE – De Daniel?!

CLOTILDE – Sim. Esse homem, que se dizia amigo de meu pai, emprestou-lhe o dinheiro que precisava naquele momento. Uma semana depois, conseguindo o dinheiro, meu pai foi lá na casa deste agiota, para fazer o resgate do colar. Mas aquele monstro avarento negou-se a entregar o que não lhe pertencia.

CLEMENTE – Negou!? Mas como pôde!?

CLOTILDE – É o que eu me pergunto: como pode?

CLEMENTE - Este agiota venderia a própria mãe, se fosse preciso.

CLOTILDE – E meu pai, não tendo como restituir a jóia para o antigo amigo, foi perseguido pela polícia. E fomos obrigados a deixar a cidade, antes que meu pai fosse preso.

CLEMENTE – Agora eu entendo por que partiu sem me dizer nada. Como sofri, pensando que não me amava mais.

CLOTILDE – Que tolo! (*beijam-se*)

CLEMENTE – Mas pode deixar, meu anjo, que, agora, este agiota de meia pataca vai ter o que merece. Vai se arrepender de todo o mal que tem feito à sua família.

CLOTILDE – Como assim!? O que você vai fazer?

CLEMENTE – Não se preocupe (*vai até o caixão e pega o hábito de frei, que Cândido havia esquecido*) Este Daniel vai pagar caro. Seu pai vai receber a tal jóia de volta. Mas não diga nada para ele. Deixe que pense que seu tio ainda está no reino dos céus.

CLOTILDE – Mas, Clemente!

CLEMENTE - Quero que prometa uma coisa: quando tudo isto terminar, case-se comigo?

CLOTILDE – É só isto que quero. *(beijam-se; entra Adolfo)*

Cena 12 - Clemente / Clotilde / Adolfo

ADOLFO – *(entra correndo)* Ai, ai, ai... Clemente, comece a rezar. É agora que estamos fritos. *(vê Clemente e Clotilde)* Pronto, agora desarranjou de vez.

CLOTILDE – Calma, meu primo, eu já sei de tudo.

ADOLFO – Não é isso.

CLEMENTE – O que você está dizendo?

ADOLFO – O finado vem aí.

CLEMENTE – O finado?

CLOTILDE – Meu tio?

ADOLFO – O próprio, vivinho da silva! Esbarrei com ele na venda de seu Manoel, acabou de chegar.

CLOTILDE – E agora?

ADOLFO – E agora digo eu! Vou embora de vez, não tenho nada com isto.

CLEMENTE – Ei, nada disso, segura as pontas aí. Você precisa sustentar a mentira até o fim.

ADOLFO – O quê? Você está louco. Vou dizer pro morto que ele morreu, que seu lugar não é mais aqui? Que nada, me tire desta enrascada.

CLEMENTE – Se vira! Quem está no fogo é pra se queimar.

ADOLFO – Já estou sentindo até o calor do inferno. Ai, ai...

CLEMENTE – Você, Clotilde, vai para junto de seu pai e faça o possível para que não venha para a sala. *(Clotilde sai)*

Cena 13 - Clemente / Adolfo

CLEMENTE – Agora sou eu que preciso ir.

ADOLFO – Para onde? Anda já pro caixão fazer o seu papel.

CLEMENTE – Agora não posso. Tenho uma missão a cumprir.

ADOLFO – Missão, fique aqui e enfrente esta missão impossível.

CLEMENTE – Até já! Vou pela porta dos fundos. Que o defunto Mateus o proteja. *(sai)*

Cena 14 - Adolfo

ADOLFO – *(sozinho)* Amém! O quê!? Que brincadeira mais sem graça. Clemente! Clemente! Ai, ai, tá tudo perdido... por que fui me meter nesta confusão? E agora? O defunto foi embora! Cadê o defunto?! Ai, ai... Acho que o morto serei eu. É melhor fechar o caixão, pelo menos é o que me resta a fazer. *(fecha o caixão)*

Cena 15 - Adolfo / Mateus

MATEUS – *(entra)* Cândido, você está em casa? Ora, que escuridão é essa? Por que não acende as luzes? *(vê Adolfo junto ao caixão)* O que quer dizer isto?

ADOLFO – *(à parte)* É agora!

MATEUS – O que aconteceu na minha ausência, Adolfo? Quem morreu?

ADOLFO – Foi... foi...

MATEUS – Seu primo Cândido?

ADOLFO – Foi, foi...

MATEUS – Cândido, meu sobrinho!?

ADOLFO – Foi... quer dizer... não, não... não foi Cândido quem morreu, tio Mateus, foi... foi...

MATEUS – Então quem foi!? Diga, deixa eu ver. *(vai abrir a tampa do caixão)*

ADOLFO – *(à parte)* Queria que tivesse sido eu! *(impedindo Mateus)* Não, não, por favor, tio, não. Foi, foi, foi seu irmão, Bernardo Pereira.

MATEUS – *(cai em prantos)* Meu irmão!?

ADOLFO – Sim, um ataque de apoplexia *(faz o ataque)* fulminantíssimo o lançou por terra.

MATEUS – Meu Deus, que horror! E não o socorreram?

ADOLFO – Não houve tempo, logo após o ataque, ele estava frio e inanimado.

MATEUS – *(de joelhos, junto ao caixão)* Meu irmão, como posso te perder, meu irmão!? Como posso? *(cai em prantos)*

Cena 16 - Adolfo / Mateus / Bernardo / Clotilde

(Bernardo invade a sala, seguido por Clotilde)

BERNARDO – Deixai-me, quero, junto ao corpo de meu irmão querido, rogar ao Senhor por sua alma.
(*cai de joelhos de um lado do caixão*)

MATEUS – (*o outro lado*) Meu irmão... assim te perdi para sempre.

BERNARDO – Assim, a morte me roubou a tua amizade.

MATEUS – Queria estar aqui em sua despedida para o reino dos céus.

BERNARDO – Meu irmão, queria receber o seu último suspiro.

MATEUS – Quero ainda, mais uma vez, beijar a sua face.

BERNARDO – Quero guardar para sempre as suas feições.

BERNARDO E MATEUS – (*levantando-se*) Nunca mais o verei...meu querido irmão... (*se vêem; espantam-se*) Jesus!! (*desmaiam*)

fim do primeiro ato

II ATO

(*Casa de Daniel*)

Cena 1 - Sala da casa de Daniel – Daniel

DANIEL – (*entra empurrando o baú*) Pronto! Finalmente! Foi trabalhoso, mas aqui está. Estou cansado, mas pelo menos não acabei gastando dinheiro com carregadores que cobram os olhos da cara. (*alisa o baú*) Excelente negócio este que me caiu nas mãos, um baú cheio de objetos raros, por uma bagatela! E o pobre do jovem, todo metido a espertalhão, queria me levar oitocentos e cinquenta contos. Ora! Logo pra cima de mim! O senhor das negociatas, um velho calejado pelas manhas e artimanhas da especulação... Dei-lhe muito! Quinhentos e oitenta e quatro contos e setenta e cinco centavos. Não queria que desconfiasse da bobagem que estava fazendo. Ah, meu querido dinheirinho: a chave do mundo, talismã onipotente! Contigo tudo pode, tudo! Tenho ouro para satisfazer os meus mais ávidos caprichos e os mais ocultos vícios. (*pega a chave e vai para o baú*) Vendendo tudo que tem aqui dentro, ganharei muito mais do que aquele paspalho me tirou. (*tenta abrir o baú*) Mas o que é isso? (*tenta*) A chave não quer abrir, não quer girar. Será que o molecote me deu a chave errada? (*tenta*) Pode ter entortado na ora que caiu. (*tenta; desiste*) Só me faltava essa! Já escureceu. E eu não quero voltar naquela casa hoje e me deparar novamente com aquela atmosfera sinistra... Melhor longe, pois mais longe quero a morte de mim.

Cena 2 - Daniel / Lucinda / Cândido (dentro do baú)

LUCINDA – (*entra*) meu pai!

DANIEL – O que é, Lucinda?

LUCINDA - O que trouxe desta vez, papai?

DANIEL – Nada, nada... não é da sua conta. Por que ainda está em pé? O que estava fazendo com a janela aberta?

LUCINDA – É este calor!

DANIEL – O calor?

LUCINDA – Estava esperando o senhor chegar.

DANIEL – Sei... Pensa que eu não te observo, menininha. Sei que passa a noite inteira com a janela aberta e que conversa por horas inteiras.

LUCINDA – Mas também, o senhor me enclausurou dentro de casa!

DANIEL – É para o seu bem. A rua é um lugar perigoso.

LUCINDA – Nem conversar com minhas amigas, lá na praça, eu posso ir. Estar nesta casa é o mesmo que estar numa prisão.

DANIEL – Que prisão coisa nenhuma, deixa de ser dramática. Suas amigas são más influências para você, e a praça é um lugar de perdição. Melhor que fique em casa, com a janela fechada, como eu já mandei.

LUCINDA – Mas, meu pai...

DANIEL – É assunto encerrado. Agora, vá lá dentro e traga minha picareta. Quero arrombar esta fechadura.

LUCINDA – Vai fazer barulho a esta hora, meu pai? Com os vizinhos todos dormindo?! Não acha que já falam muito mal do senhor? E com razão! Pois com tanta riqueza, vive tão miserável.

DANIEL – Esses que zombam de mim, me chamam de vil usurário, de agiota mão de vaca... amanhã, cairão todos aos meus pés. O dinheiro, minha filha, compra a honra e a consciência de qualquer um. É... mas sem querer, você me abriu os olhos. Com o barulho, posso excitar a gula dos curiosos. (pensa; silêncio) Vá para o seu quarto, é tarde. Vá dormir!

LUCINDA – Agora, o senhor já me tirou o sono! Se não posso sair, deixe-me, pelo menos, ficar um pouco mais aqui.

DANIEL – Ficar aqui!? (olham para o baú) Ficarei também, vou te fazer companhia.

LUCINDA – Não, meu pai, não precisa. Afinal de contas, já é tarde... o senhor precisa descansar. Amanhã, logo cedo, seus clientes vão estar aqui, para tratar de negócios.

DANIEL – Eles que esperem, já que precisam de mim. Mas... você, mais uma vez, tem razão. Vejo que gostas de teu pai, embora, às vezes, seja um tanto rebelde. Minha filha, se te deixo em casa é porque te quero bem. Quero sua proteção. Você bem sabe, que muitos que se dizem apaixonados por ti querem tão somente o meu dinheiro. Não há paixão, senão pelo ouro! Vou acolher sua sugestão. Quero acordar cedo e providenciar a abertura do baú. Boa noite, minha filha.

LUCINDA – Boa noite, meu amado pai! (Daniel sai)

Cena 3 - Lucinda / Cândido

LUCINDA – (espera Daniel sair; vai no baú e dá três pequenas batidas; aparece Cândido) Meu amor, você veio mesmo!?

CÂNDIDO – Duvidava de mim!? Não foi isto o combinado? Então, aqui estou. (beijam-se) Vamos sair o mais rápido possível. (*procura o outro hábito dentro do baú*)

LUCINDA – Não vejo a hora de poder ficar ao seu lado, meu amor!

CÂNDIDO – Não encontro o outro hábito! Tive que sair às pressas e devo ter esquecido lá em casa. Vamos ter que ir assim mesmo. Você veste este hábito.

LUCINDA – Não! Alguém pode ver você saindo daqui. É melhor que use.

Cena 4 - Lucinda / Cândido / Daniel

DANIEL – Com quem está falando, Lucinda? Quem está aí?

LUCINDA – É... É frei Berto, meu pai. Veio benzer a casa.

DANIEL – Mas hoje não é dia de benção!

LUCINDA – O frei achou que o senhor podia precisar.

DANIEL – (*entrando*) Que surpreendente! Fez muito bem em vir aqui, frei Berto. Quero que o senhor reze este baú. Veio lá da casa do finado senhor Mateus Pereira, o frei conhece?

CÂNDIDO – (*fingindo-se de frei*) – Sei... aquele que morreu de um ataque apoplético! (*faz o ataque*)

DANIEL – Este mesmo!

CÂNDIDO – Vim agora de lá. Fui encomendar a alma.

DANIEL – Então, vejo que o senhor já está pronto para começar. Vamos, Lucinda. Vamos deixar frei Berto à vontade.

LUCINDA – Mas eu queria... me confessar com o frei Berto.

DANIEL – Mas frei Berto é frei, não é padre. Acho melhor se confessar com padre.

LUCINDA – Mas pra mim, tanto faz.

DANIEL – Como tanto faz!? Frei é frei, padre é padre! Já para o seu quarto, não me desobedeça.

LUCINDA – *(olha para Cândido, combina algo com ele; olha para o pai)* Desculpa, meu pai. Boa noite, frei Berto.

CÂNDIDO – Boa noite, minha filha. *(Lucinda sai)*

Cena 5 - Cândido / Daniel

DANIEL – Boa noite, frei Berto.

CÂNDIDO – Boa noite, meu irmão, durma com os anjinhos. *(Daniel sai; sozinho)* Agora vou pro quarto de Lucinda, sairemos pela janela.

DANIEL – *(voltando)* Ô frei Berto! *(Cândido pára)* Pensando bem, acho melhor começar pelo meu quarto. Quero uma noite tranqüila, sem aqueles pesadelos com gente morta.

CÂNDIDO – Sim, sim... claro, meu filho, não se pode vacilar nessas ocasiões. *(sai para o quarto de Daniel)*

Cena 6 - Daniel

DANIEL – *(sozinho)* Não quero mesmo me fazer de bobo. Sei muito bem que este frei anda de olho no que possuo. A cara de santo não me engana. Fica sempre pedindo dinheiro para os necessitados. Necessitado estou eu. *(vendo que não há ninguém, vai num dos cantos da sala, pega um jarro e tira de dentro um colar)* Ah, que beleza! Isto vale uma fortuna!

Cena 7 - Daniel / Cândido

CÂNDIDO – *(entra e observa a cena, escondido)*

DANIEL – Aquela família tem me dado bons lucros; primeiro, o colar, agora, um baú abarrotado de preciosidades.

CÂNDIDO – *(aparece para Daniel)* Irmão Daniel!

DANIEL – *(leva um susto; esconde o colar no jarro)* Sim, sim, o que foi? Já benzeu? Tão rápido?

CÂNDIDO – É instantâneo, irmão. Pode dormir em paz e com alegria. *(Daniel não se move; silêncio)* Irmão...irmão... pode ir dormir.

DANIEL – Dormir? Dormir. Sim, claro, dormir. Isso mesmo... está bem...Boa noite, frei Berto.

CÂNDIDO – Boa noite! *(Daniel sai)*

Cena 8 - Cândido

CÂNDIDO - Que os passarinhos do céu o protejam! *(à parte)* E que o urubu da avareza o coma, seu ladrão. *(vai para o jarro)* Agora sei onde ele escondeu os brilhantes que meu tio Bernardo empenhou. Já que estou aqui, vou aproveitar para fazer uma devolução. *(enfia a mão no jarro)*

Cena 9 - Cândido / Lucinda

LUCINDA – *(aparecendo)* Cândido!

CÂNDIDO – *(assusta-se)* Ahhh, Lucinda, minha amada, assim você me mata de susto.

LUCINDA – Silêncio! Por que não foi logo para o meu quarto?

CÂNDIDO – Seu pai quis que eu benzesse o quarto dele primeiro.

LUCINDA – Vamos embora.

CÂNDIDO – Só um momento, preciso pegar uma coisa. *(mete a mão no jarro e pega o colar)* Descobri que era aqui que seu pai guardava a jóia que roubou de meu tio.

LUCINDA – Meu pai é muito miserável, nem um cofre ele compra. Vamos vasculhar a casa toda, pode ter muito dinheiro escondido por aqui.

CÂNDIDO – Não, Lucinda, só me interessa levar o que pertence ao meu tio. Pois seria um golpe muito duro pra ele perder a filha e o dinheiro.

LUCINDA – Com certeza, ele sentirá mais falta do dinheiro do que de mim.

CÂNDIDO – Vamos embora. *(pega na mão de Lucinda; correm para sair pela porta)*

Cena 10 - Cândido / Lucinda / Clemente / Daniel

CLEMENTE – *(de fora)* Senhor Daniel!

LUCINDA – Meu Deus!

CÂNDIDO – Quem deve ser?

LUCINDA – Se meu pai me pega aqui ele me mata.

CÂNDIDO – Se seu pai me pega aqui, ele me mata. *(coloca o colar no jarro)* Vá para o seu quarto, deixa que eu abro a porta.

LUCINDA – Não! Vá você para o meu quarto, faz que tá benzendo.

DANIEL - *(do quarto)* Lucinda, que é que você está fazendo aí na sala?

CÂNDIDO - Deixa que eu atendo!

LUCINDA – Isso não vai dar certo!

CLEMENTE – *(de fora)* Daniel! Senhor Daniel!

CÂNDIDO – Eu abro! *(abre a porta; aparece Clemente vestido com o hábito; os dois não se reconhecem)*

CLEMENTE – *(vestido de frei)* Boa noite, irmão!

CÂNDIDO – *(escondendo-se)* Boa noite, irmão!

LUCINDA – *(nervosa)* É... É... *(para Clemente)* frei Berto, este é frei Amâncio *(aponta Cândido)*, amigo de meu pai.

CLEMENTE – *(escondendo-se)* Sim, sim, sim...

LUCINDA – Frei Amâncio já estava de saída. *(para Cândido)* Não é, frei Amâncio?

CLEMENTE – Creio que já benzeu a casa, não é, frei Amâncio?

CÂNDIDO – Todos os cômodos!

LUCINDA – Todos!

CLEMENTE – Todos. Então não há mais nada a fazer?

LUCINDA – Mais nada.

CLEMENTE – Então, também vou embora.

LUCINDA – Não, quer dizer, falta benzer meu quarto, frei Berto. *(para Cândido)* O senhor esqueceu de benzer meu quarto, frei Amâncio.

CÂNDIDO – Que cabeça esta minha!

LUCINDA – O senhor pode ir benzer o quarto, frei Berto, já que frei Amâncio estava de saída.

CLEMENTE – Não, não... já que frei Amâncio começou, frei Amâncio termina.

DANIEL - *(do quarto)* Que tanto palavreado é este? Lucinda, o que está havendo aí?

CÂNDIDO – Foi um prazer conhecê-lo. Vamos, minha filha. *(pega na mão de Lucinda; topa em Clemente)*

CLEMENTE – *(reconhecendo)* Cândido!

CÂNDIDO – Clemente, é você?

CLEMENTE – Que bom vê-lo aqui.

LUCINDA – Quem é ele?

CLEMENTE – *(para Lucinda)* Clemente, seu criado!

CÂNDIDO – Meu amigo, ajudou a montar a farsa do defunto para enganar teu pai.

DANIEL – *(do quarto)* Mas será possível! Lucinda! Lucinda!

CÂNDIDO – Vamos embora.

CLEMENTE – Não posso, vim pegar o colar que pertence ao seu tio Bernardo.

CÂNDIDO – Como soube?

CLEMENTE – Clotilde me contou.

CÂNDIDO – Está naquele jarro.

CLEMENTE – Então, deixa que eu pego. *(vai para o jarro)*

LUCINDA – Meu pai vem aí.

CLEMENTE – Aqui está, que beleza! Agora vamos.

LUCINDA – Não há mais tempo, entre no baú.

CLEMENTE – De jeito nenhum, pra vocês irem embora e me deixar aqui.

LUCINDA – Confia em mim. Você, Cândido, finja que é frei Berto e que acabou de chegar.

CLEMENTE – Isso é que é mulher decidida! *(se esconde no baú)*

DANIEL – *(entrando)* Mas o que está acontecendo aqui? Que tanto bate-boca é esse? Por que ainda não está dormindo, Lucinda?

LUCINDA – É frei Berto que chegou, meu pai. Veio benzer a casa.

DANIEL – *(confuso)* Benzer a casa? De novo?

LUCINDA – Como de novo, meu pai. Frei Berto acabou de chegar.

DANIEL – Respeite seu pai, deixe de brincadeira sem graça.

LUCINDA – Que brincadeira, meu pai?

DANIEL – Mas que menina! Frei Berto já estava aqui. Não é, frei Berto?

CÂNDIDO – *(vestido de frei)* O irmão deve estar enganado!

DANIEL – Como?

CÂNDIDO – Estou até um pouco rouco, de tanto gritar seu nome. E nada do senhor aparecer. Até que, graças aos anjinhos do céu, sua querida filha, Lucinda, apareceu para abrir a porta deste humilde lar.

DANIEL – *(confuso)* Estarei enganado? O senhor não esteve aqui e benzeu o quarto?

CÂNDIDO – Sou frei, mas não sou onipresente, meu irmão. Eu cheguei agorinha.

DANIEL – *(tonto)* Mas o que está acontecendo comigo?

LUCINDA – O senhor deve ter sonhado, meu pai.

DANIEL – Sonhado!? Mas eu nem me lembro de ter dormido!

CÂNDIDO – Isso, às vezes, é influência dos maus espíritos. O senhor vê fantasmas?

DANIEL – Não, fantasma, não!

CÂNDIDO – Sinto que este lugar está muitíssimo carregado. O senhor costuma guardar dinheiro, jóias, objetos de valor em casa?

DANIEL – Não... não...

CÂNDIDO – Porque isso também atrai maus espíritos. O senhor, por acaso, visitou algum irmão que já não habita este mundo?

DANIEL – Não... não...

LUCINDA – Mas o senhor, hoje, não foi no velório do senhor Mateus Pereira?

DANIEL – Cale a boca, menina! Eu não fui a velório nenhum. Eu fui tratar de negócios, negócios...

CÂNDIDO – Então deve ser isso! Alguma coisa me diz... eu sinto um ar pesado na casa! *(finge ser atraído pelo baú)* Ahhhh! Sinto peso neste baú!

DANIEL – Trouxe lá da casa do finado.

CÂNDIDO – Sinto peso!

LUCINDA – Vai deitar, meu pai, o senhor deve estar muito cansado.

DANIEL – Mas eu não entendo, juraria que o senhor já estava aqui.

LUCINDA – Vou pegar um copo d'água pro senhor. *(sai)*

CÂNDIDO – *(Para Daniel)* Sente-se um pouco, irmão, vai te fazer bem. Está um pouco abatido, mas já-já, melhora. Fique aí, que eu vou ajudar sua filha com a água. *(sai)*

Cena 11 - Clemente / Daniel

DANIEL – Isso só pode ser efeito de alguma comida que me fez mal. *(Clemente sai do baú; vendo Clemente, Daniel se assusta)* Ahh! O que faz aí, frei Berto?

CLEMENTE – Estou dando uma benzidinha, meu irmão.

DANIEL – Mas o senhor não foi agora para a cozinha?

CLEMENTE - Está delirando, irmão!

DANIEL – *(desesperado)* Lucinda! Traga-me água, depressa!

CLEMENTE – Vejo que não está passando bem. Vou pegar água para o irmão. Segura aí! *(sai)*

Cena 12 - Daniel

DANIEL – *(sozinho)* Mas o que está havendo comigo? Não... É este frei que está meio estranho hoje. Já sei de seu stratagema: quer me fazer enlouquecer para poder ficar com mais dinheiro meu. Logo vi, este olhudo! Preciso esconder o colar de brilhantes em outro lugar. *(vai pegar o jarro; chega Clemente)*

Cena 13 - Daniel / Clemente

CLEMENTE – O que fazes aí, irmão Daniel?

DANIEL – Vou jogar este jarro fora, está muito velho e feio, não combina com a decoração.

CLEMENTE – Então doe para a irmandade. Vamos, deixe que eu o ajude.

DANIEL – *(afastando-se, agarrado no jarro)* Não, não precisa, o senhor é coisa sagrada e não fica bem carregar um jarro tão pesado como este.

CLEMENTE – Não tem importância, São Francisco me dá forças para ajudar o próximo. *(pega o jarro)*

DANIEL – Seria injusto, eu levo. *(puxa o jarro para si)*

CLEMENTE – A justiça dos homens não é a mesma de Deus. *(puxa o jarro para si)*

DANIEL – *(perdendo a paciência)* Já falei: sou o dono da casa, eu levo! *(puxa o jarro)*

CLEMENTE – Mas eu insisto! *(puxa o jarro)*

DANIEL – De jeito algum... *(puxa)*

CLEMENTE – Mas eu quero... *(puxa)*

DANIEL – O jarro é meu! *(se separam violentamente; Daniel dá de cara com Cândido, vestido de frei; Clemente se esconde no baú)*

Cena 14 - Daniel / Clemente / Cândido / Lucinda

CÂNDIDO – Por que está ofegante, irmão?

LUCINDA – *(que entrou com Cândido)* Aqui está a água, meu pai. *(Daniel fica mudo em seu espanto)* Meu pai, o que está havendo? Fale comigo!

CÂNDIDO - *(à parte)* Ai, o velho está tendo um troço!

DANIEL – *(gaguejando)* Mas... mas...

CÂNDIDO – O irmão quer que eu segure o jarro?

DANIEL – *(fora de si)* Não, não, isto não.

LUCINDA - Calma, meu pai.

CÂNDIDO – Com certeza, o irmão não está passando bem, deixe eu ajudá-lo.

DANIEL – Afaste-se de mim, vamos! *(vai para perto do baú; Clemente levanta)*

CLEMENTE – Falou comigo, irmão?

DANIEL – Ahh! Lucinda, filha minha, você vê o que meus olhos vêem?

LUCINDA – Vejo apenas frei Berto ao meu lado, os móveis da casa e o senhor agarrado a este jarro.

CÂNDIDO – *(para Daniel)* Deixe-me ajudá-lo.

CLEMENTE – *(para Daniel)* Isso, deixe-me ajudá-lo.

DANIEL – *(afastando-se)*. Afaste-se, afaste-se!

LUCINDA – *(finge não ver Clemente)* Meu pai, está vendo alguém mais, além de nós?

CLEMENTE – Talvez seja o finado Mateus Pereira! *(ouvem o toque de um sino)*

LUCINDA – O que é isto? *(vai para a porta)*

DANIEL – Não abra a porta!

LUCINDA – *(olha pela janela)* É o seu Bernardo.

CÂNDIDO – *(à parte)* O que meu tio vem fazer aqui?

LUCINDA – Vem com algumas pessoas, carregando um caixão. Deve ser o corpo do senhor Mateus.

CLEMENTE – Não disse?

CÂNDIDO – *(à parte)* Meu tio morreu?!

DANIEL – *(apavorado)* Não deixe entrar, não deixe entrar.

Cena 15 - Os mesmos / Bernardo / Mateus / Adolfo / Clotilde

(Cândido e Clemente começam a falar num latim falso; Bernardo entra acompanhado da filha, e logo em seguida entra o caixão, com Mateus dentro, empurrado por Adolfo)

DANIEL – Não, não! Tire isto, tire isto daqui!

BERNARDO – Senhor Daniel, estou aqui, mais uma vez, para pedir que devolva-me o colar de brilhantes que empenhei.

DANIEL – Brilhantes?!

CLOTILDE – Não se faça de desentendido. Devolva a jóia que roubou de meu pai.

DANIEL – Olha como falas comigo, mocinha!

LUCINDA – Devolva o que não lhe pertence, meu pai.

DANIEL – Cale a sua boca!

CÂNDIDO – *(para Daniel)* Sabia que frei Berto não gosta de quem mente, irmão?

CLEMENTE – *(para Daniel)* Frei Berto fica de mau e muito zangado!

DANIEL – Não tenho jóia nenhuma! Saiam daqui, saiam da minha casa.

BERNARDO – Peço, mais uma vez, em memória de meu irmão, que aqui jaz: devolva os brilhantes e pegue o seu dinheiro. *(mostra-lhe o dinheiro)*

DANIEL – Pra que eu quero dinheiro, se o colar vale muito mais? Além disso, não respeito a memória de nenhum defunto fanfarrão.

MATEUS – *(levantando-se do caixão)* Quem ousa perturbar o sono dos mortos? *(Daniel dá um pulo de medo; todos fingem que se espantam; rezam, gritam; Cândido e Clemente rezam em latim falso)*

DANIEL - Socorro! Me ajude *(olha em dúvida para Cândido e Clemente; vai para Cândido)*, frei Berto! Me ajude!

CÂNDIDO – Nada posso fazer pelos pecadores, irmão. Dizer agravos contra os mortos é um pecado grave.

CLEMENTE – *(vai para junto de Daniel)* E ressuscitá-los é pior ainda!

MATEUS – *(fazendo-se de zumbi)* Se tu, ó demônio da usura, não entregar os brilhantes que, com sua ganância, roubaste de meu irmão, te levarei para a cidade dos mortos, e de lá, tu só sairás quando tiverem acabado com todo o seu dinheiro aqui na terra. *(Cândido e Clemente fazem rezas falsas, cantam, etc; Mateus caminha para Daniel)*

DANIEL – *(em pânico)* Não, por favor, isso não, me deixe!

BERNARDO – Dê-me o colar!

DANIEL – *(agarrado ao jarro)* Ele é meu!

MATEUS – Para as profundezas te levarei!

DANIEL – Não, não! Está bem, está bem, eu entrego, eu entrego... *(procura dentro do jarro)* Não está aqui! *(procura mais uma vez)*

MATEUS – Irás arder no fogo eterno!

DANIEL – Não, não, por favor! Estou dizendo a verdade. Não está aqui, não está aqui. Eu juro, eu juro. Ai, o que será de mim?!

CLEMENTE – *(mostra o colar)* São estes os brilhantes que procura, senhor Daniel?

DANIEL – Meu colar! *(para Clemente)* O que fazes com ele? Bem que desconfiei que o senhor estava de olho no que possuo.

BERNARDO – *(pegando o colar)* Mas isso me pertence, senhor Daniel. *(para Mateus)* Obrigado, meu irmão! *(abraça Mateus)*

MATEUS – *(acabando com a encenação)* Que nada! Até que foi divertido ver esse palerma se tremendo de medo! *(Clemente tira o hábito)*

DANIEL – *(atônito)* O que quer dizer isto? Por que todos riem? Então... eu não estava tendo visões! O senhor não morreu?

MATEUS – Estou mais vivo do que nunca! E de alma lavada, agora, que consegui enganá-lo, seu agiota avarento!

DANIEL – Mas ainda tenho o baú.

ADOLFO – Muito bem, senhor Daniel. O senhor tem um grande valor em suas mãos. *(abre a porta falsa do baú)* Um baú cheio de nada!

DANIEL – *(Olha o baú)* Mas ele estava pesado.

CÂNDIDO – O peso era eu! O senhor me trouxe para sua casa.

DANIEL – Você, seu homenzinho de meia pataca? Quer dizer que fui tapeado. *(para Cândido e Clemente)* Os dois se fazendo passar por frei Berto... *(para Mateus)* E o senhor não está morto coisíssima nenhuma. Como pude cair nesta farsa barata?

LUCINDA – Eu colaborei, meu pai.

DANIEL – Oh, uma traidora em minha própria casa! Você vai ter o que merece. *(avança para Lucinda; Cândido toma a frente)*

CÂNDIDO – Calma, senhor Daniel. O que Lucinda merece é um pai menos avarento.

DANIEL – Quem pensa que é para falar assim comigo, seu molecote?

LUCINDA – Seu futuro genro, meu pai.

DANIEL – Só se for por cima de meu cadáver!

CLEMENTE – Vejam só, agora temos um novo candidato para o papel de defunto. *(todos riem)*

DANIEL – Vamos, podem rir de mim. Pensam que isto vai ficar assim? Vou procurar a justiça e todos vocês vão pagar muito caro por isso. Verei todos atrás das grades. *(sai)*

Cena 16 - Cândido / Clemente / Lucinda / Adolfo / Mateus / Bernardo / Clotilde

LUCINDA – *(corre para porta)* Meu pai, vamos conversar...

CLEMENTE – Não se preocupem, meus caros amigos. Relaxem! Neste país, a justiça, além de ser cega, é lenta.

MATEUS – Deixe que se vá. Deixe que procure a justiça.

BERNARDO – Ele vai se dar mal. Agora, posso provar que roubou os brilhantes.

MATEUS – O que importa é que estamos todos bem.

CLEMENTE – E bem vivos!

LUCINDA – Meu pai vai compreender o erro que cometeu.

BERNARDO – Mas, também, o que fizemos não foi lá muito honesto.

CLEMENTE – Às vezes, senhor Bernardo, é preciso usar do próprio mal para combatê-lo.

CÂNDIDO – Bem, já que estamos todos aqui reunidos... *(para Mateus)* eu queria, meu tio, pedir sua permissão para Lucinda ficar uns dias lá em casa, até que nós...

MATEUS – Por mim, vocês se casam e moram logo lá.

ADOLFO – E eu quero ser o padrinho do casório!

CLEMENTE – E já que continuamos todos aqui reunidos... Senhor Bernardo...

BERNARDO – Já sei, Clemente, tem minha permissão.

ADOLFO – Eu também quero ser o padrinho do casório!

LUCINDA – Então, vamos para algum lugar, vamos comemorar!

CLOTILDE – Vamos passar a madrugada dançando!

MATEUS – Isso mesmo, vamos pra casa. Lá, além da gente comer e beber bem, não gastamos nada.

CLEMENTE – Adorei a lembrança!

ADOLFO – Então, vamos!

BERNARDO – Os casais na frente! *(música; todos saem festejando)*.

fim da farsa

“A FARSA DA USURA”
Texto teatral de Fábio Espírito Santo
fabioespiritosanto@gmail.com

Adaptação da comédia *O Usurário*, de Martins Pena
Salvador, Bahia, 1998